

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno 35 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 6 n.º	N.º à entrega	34.º Anno — XXXIV Volume — N.º 1179	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial Praça dos Restauradores, 27
Portugal (franco de porte) m. forte...	3\$800	1\$900	650	170	30 de Setembro de 1911	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos à administração da Empresa do Occidente, sem o que não serão attendidos.
Possessões ultramarinas (idem)	4\$000	2\$000	700	170		
Extrangeiro e India	5\$000	2\$500	850	170		

CHRONICA OCCIDENTAL

Preparam-se grandiosos festejos para celebrar o primeiro anniversario de 5 de outubro, o que está perfeitamente no espirito deste bom povo português, sempre prompto para todas as festas possíveis e imagináveis, e lá dizem os francezes, com a sua graça gauleza: *Les portugaises sont toujours gais. Qu'il fasse beau, qu'il fasse laid.*

Alegres e despreocupados tem vindo pelos tempos fóra arriscando se em cometimentos com que escreveram as mais gloriosas paginas da humanidade. Alegres e despreocupados continuam vivendo, entre as dificuldades da crise economica que atravessamos e que aféta todas as classes.

Ninguém lhe deve querer mal por isso.

Não se sabe se lhes póde servir de consolação essa crise não ser privilegio deste país, porque lá por fóra ella se manifesta tanto ou mais temerosa, no grito dos povos contra a carestia dos generos alimenticios, mas seja como fór, o que é certo é que o povo insurge-se por muitas cidades da França, da Alemanha, da Austria, da Hespanha, da Inglaterra e da Italia contra aquella carestia, o que ao mesmo tempo provoca as *grèves* das classes trabalhadoras, reclamando augmento de salarios para poderem viver.

E' o primeiro grito da fome que alastra, são os primeiros sintomas do abandono dos campos que produzem o que se come, pela emigração dos povos para as grandes cidades, onde o trabalho e a vida citadina, não produz uma couve nem cria uma batata.

Ao homem dos campos principiou a sorrir-lhes a vida das cidades, na mira de ganhar mais dinheiro e ter mais gosos, sem se lembrar que os maiores ganhos a que aspirava não lhe chegavam para satisfazer as necessidades daquella vida e ainda menos aos taes gosos.

A' proporção que as populações das cidades se acumulam, os campos despovoam-se. As cidades reclamam dos campos quanto elles produzem, e os campos cada vez produzem menos porque lhe faltam os braços para os cultivar. O consumo das cidades augmenta a olhos vistos; a produção dos campos diminue na mesma escala.

A frugalidade do homem do campo, que equilibrava a gastronomia das cidades, va desaparecendo á medida que esse homem va trocando a sua al-

deia pela cidade, e deste modo o mal progredirá até se reconhecer que todas as riquezas e todo o bem estar estão na terra que o homem abandona pela miséria que o espera.

Um sabio austriaco tratava, ainda não ha muito, numa revista scientifica, da fome que ameaçava o mundo num periodo não muito afastado d'uns trinta annos, e aconselhava como meio de atenuar tal calamidade, o uso de certas algas marinhas, raizes e filamentos de plantas, como muito aproveitáveis para a alimentação.

Outros cientistas combinam certas substancias e extractos que, em quantidades reduzidas, fornecem uma simplificada e suficiente alimentação.

Formam se lá fóra sociedades de temperança, impondo a frugalidade, e faz-se uma boa propaganda contra os prazeres da meza.

Tudo isto, porém, parece, não remediará o mal e muito menos o exterminará, porque o excesso de vida das cidades continúa e com elle o definhamento da vida dos campos.

Comtudo, se os campos não produzirem, as cidades não se sustentarão. E' esta uma verdade que não admite duvidas.

Por outra parte, os tributos lançados sobre os generos de primeira necessidade crescem na razão das necessidades dos Estados para fazerem face ás despesas publicas, uma boa parte d'ellas provenientes de trabalhos que se inventam e de logares que se criam para empregar homens que querem viver á custa do Estado, com muito problematicas vantagens para o mesmo Estado, sem se falar na sustentação dos grandes exercitos para garantirem a... paz...

E' este um circulo vicioso sem solução, não obstante a dever ter fatalmente!

Se a chronica não receasse entrar em altas philosophias, agora que os philosophos estão fóra da moda, sempre diria: Um pouquinho de regresso á Natureza, que é mãe carinhosa, não remediará um tanto estes males? A não ser ella, vê-se que o homem é tanto mais infeliz quanto mais se afasta da Terra Mãe, o que aliás é naturalissimo.

E tudo isto vem a proposito da carestia dos generos, ou ainda da fome que ameaça o mundo.

No meio de toda a agitação que lá fóra se desenvolve contra as dificuldades da vida, o nosso paiz, pequeno como é, não poderá subtrair se ao contagio, tanto mais nas percarias circunstancias em que se encontra a sua agricultura.

Entretanto deve-se considerar que se as razões que dominam em outros paizes para a crise alimenticia que lá se está dando, são devidas, em parte, ás difficeis condições naturaes de suas culturas, essas razões não pódem prevalecer em nosso paiz, excepcionalmente privilegiado pelo seu temperado clima, pelas suas exuberantes terras, pela abundancia de suas aguas, na maioria dos terrenos, e uma vez captadas para aquellos onde são mais escassas, permitindo d'este modo todas as culturas ainda as mais exóticas, sem esforços sobrehumanos.

Mas em Portugal, o homem dos campos não cessa de emigrar para fóra do seu paiz, ou vem metter-se em Lisboa, onde a maioria arrasta uma vida mais miseravel do que a que tinha nos seus lares.



BUSTO DA REPUBLICA

ESCUPTURA DO SR. FRANCISCO DOS SANTOS, PRIMEIRO PREMIO NO CONCURSO ABERTO PELA CAMARA MUNICIPAL DE LISBOA

A agricultura, privada de capitaes, não se desenvolve, e abandonada de braços mal se sustenta na sua apathia.

Terras não faltam e para o affirmar basta saber-se que dois terços de terra aravel está por cultivar em Portugal.

Mas o português continua alegre e despreocupado, levando a vida em festas ainda que a fome o aperte.

Vão gastar-se em festejos por todo o paiz cerca de uns duzentos contos de réis, que sahem da algeibra do povo.

Que bom dinheiro seria este para fundar uma empreza que fomentasse a agricultura do paiz.

Não seria esta a melhor de todas as commemorações do 5 de Outubro, concorrendo para o engrandecimento e florescencia da Republica Portuguesa?

JOÃO PRUDENCIO.

Busto da Republica Portuguesa

Abriu a Camara Municipal de Lisboa um curso entre artistas portugueses para um busto da Republica Portuguesa, que ficará sendo o busto official, pois delle serão tiradas copias para fornecer as outras camaras municipaes do paiz.

A este concurso apresentaram-se nove concorrentes com os respectivos modelos, que foram examinados pela commissão composta dos srs. Anselmo Braamcamp Freire, presidente; Abel Botelho, vice-presidente; Alfredo Soares, secretario; Francisco Carlos Parente, vice-secretario; Alvaro Machado, João Antonio Piloto e Adães Bermudes, vogaes.

Dos nove bustos apresentados foi conferido o primeiro premio, de 1:500\$000 réis, ao que tinha a divisa 5-10-1910, do sr. Francisco dos Santos; o segundo premio, 300\$000 réis, ao da divisa *Fraternitas*, do sr. Simões d'Almeida Sobrinho; o terceiro premio, 200\$000 réis, ao da divisa *Auster*, do sr. Julio Vaz Junior.

Este concurso, sem ser de grandes responsabilidades, é dos mais vantajosos, por isso mesmo, dos que se tem aberto no paiz, e nós folgamos que se vá compreendendo quanto é necessario animar deveras a arte nacional, que tão descurada tem sido. O busto escolhido é obra de um novel artista, discipulo da Escola de Bellas Artes de Lisboa, e é um bello modelo de escultura classica.

Viagem de circumnavegação do cruzador «S. Gabriel»

(Continuado do numero 1178)

Marinha de Guerra Japoneza — Visita ao Arsenal de Kure

Depois das brilhantes victorias da esquadra japoneza contra a russa, o povo japonez entendeu dever ser tratado em egualdade com os europeus e americanos, e as leis de excepção na California deram logar a que as relações entre os Estados Unidos e o Japão estivessem por vezes bastante tensas. O almirante Dewey chegou mesmo a declarar em publico que cada augmento da esquadra japoneza se fazia á custa da americana e que já tinha sido má politica o ter deixado desenvolver tanto. Mais tarde, a visita da grande esquadra americana ao Japão e o melhor tratamento dos Japoneses nos Estados Unidos, fizeram desaparecer essas nuvens negras que se acastellavam no Pacifico. Esta circumstancia junta ás difficuldades financeiras e crise commercial no Japão, fizeram com que a marinha japoneza demorasse um pouco o seu grande projectado desenvolvimento. Em vez de completar em 1913, o seu actual programma naval, a sua conclusão só terminará em 1915. Segundo as declarações feitas no parlamento pelo ministro da marinha, o actual programma começado em 1907 comprehende a construcção de:

2 navios de combate de 20:800 toneladas *Kawachi* e *Settsu*.

4 cruzadores couraçados, dos quaes o *Ibuki*, de 14:834 toneladas, está em construcção.

2 cruzadores protegidos de 2.^a classe.

3 pequenos cruzadores (*Scouts*).

Um certo numero de torpedeiros e submarinos.

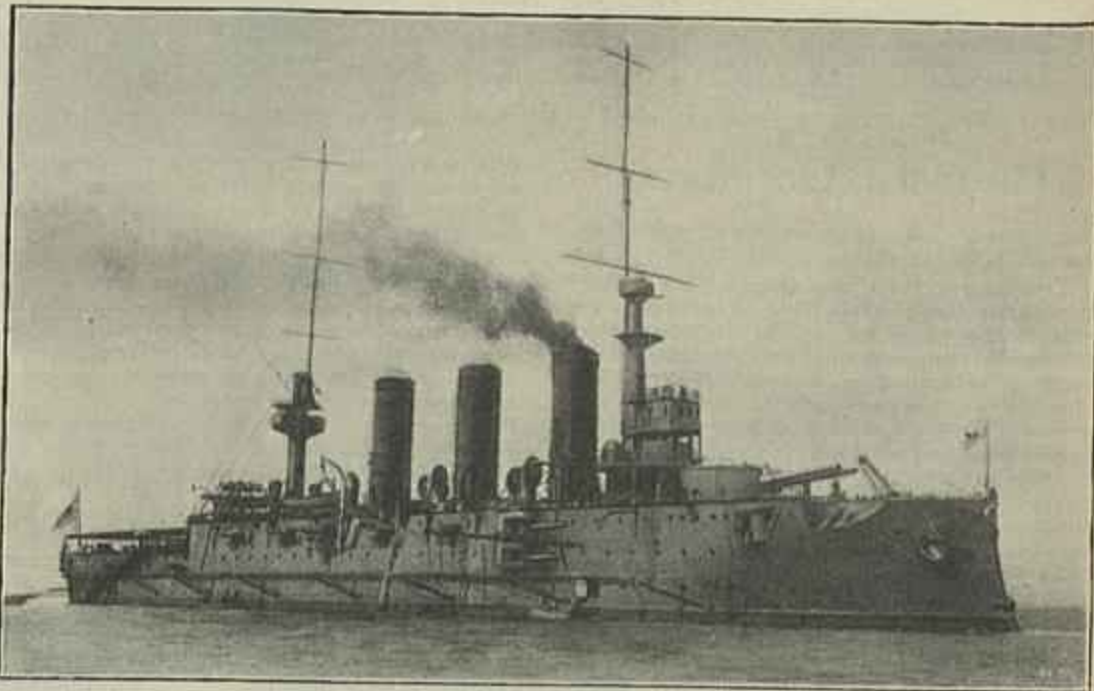
O orçamento ordinario para 1910 é de 18:545 contos de réis. No orçamento extraordinario figuram 1:370 contos para aparelhos frigorifos destinados a proteger os paioes de munições, medida aconselhada depois das fataes explosões dos couraçados *Mikasa* e *Matsushima*.

A homogenidade da esquadra soffreu muito com a perda de dois dos seus couraçados, mas, por outro lado, a entrada em serviço dos navios russos reparados e completamente transformados, augmentou-lhe muito o poder. Em 1908, os navios nos arsenaes, que estavam sobre as ordens dos commandantes em chefe e poucas vezes sahiam, passaram a ter como chefes officiaes generaes e a constituirem esquadras de reserva, como hoje existem em Kure, Yokosuka, Sasebo

Segundo as ultimas determinações, a construcção dos grandes navios far-se-ha em Kure e Yokosuka, cujos arsenaes devem poder construir dois navios destes ao mesmo tempo. Sasebo e Maizuru ficam destinados á construcção de cruzadores e torpedeiros.

Arsenal de Kure

O arsenal de Kure perfeitamente defendido pela sua situação no fundo dos estreitos canaes e por varias baterias que tivemos occasião de vêr, é o primeiro porto militar do Japão e um dos mais completos arsenaes que temos visto. Pouco depois de amarrar á boia, fui a terra cumprimentar o commandante em chefe, vice-almirante T. Kato, official de 47 annos de idade, que foi o chefe de estado maior do almirante Togo,



O COURAÇADO JAPONEZ «SAGAMI»

e Maizuru, as quaes tem periodos determinados de instrucção.

As esquadras japonezas compõem-se actualmente de:

1 — Esquadra activa — 2 navios de combate, 5 cruzadores couraçados e 5 pequenos cruzadores.

Esquadra de instrucção — 1 cruzador couraçado, 1 grande cruzador protegido, 2 pequenos cruzadores e varios navios menores.

2 — Esquadras de reserva — 10 navios de combate, 2 guarda-costas couraçados, 5 cruzadores couraçados, 9 pequenos cruzadores e varios navios menores.

3 — 52 destroyers, 69 torpedeiros e 9 submarinos, parte na esquadra actual parte na de reserva.

Foi determinado o periodo de 25 annos para a duração effectiva dos navios de combate e 18 para os torpedeiros.

Em Sasebo estão-se construindo 2 novos diques e 2 em Kure, cujas portas bateis já vimos promptas.

São grandes os progressos feitos na instrucção de tiro ao alvo. No tiro a premio entre os couraçados, o anno passado, o *Katori* acertou 14 em 15 tiros que fez com as peças de 30.⁵ e com as de 25.⁴ acertou 16 em 16. O *Asahi* acertou 72 tiros dos 91 que deu com as peças de 15.⁵.

Os progressos da construcção naval no Japão tem sido muito notaveis nos ultimos 20 annos. Quando considerarmos que desde a guerra o Japão empreheudeu a construcção de um grande numero de torpedeiros, 4 navios de combate, 3 cruzadores couraçados e 3 pequenos cruzadores com 145:700 toneladas, das quaes 70:000 já estavam concluidas em 1909, e que além d'isso reparou, modificou e rearmou 6 navios de combate, 2 guarda-costas, 1 cruzador couraçado e 2 grandes cruzadores protegidos, tomados aos russos, podemos fazer uma ideia do grande desenvolvimento dos arsenaes do paiz. E' preciso igualmente notar que o Japão fabrica hoje toda a sua couraça, artilheria, turbinas Parsons e Curtis, etc.

durante a guerra com a Russia. Fez-me todas as facilidades para a nossa visita ao Arsenal e convidou-me e a nove officiaes para jantarmos no dia seguinte. A's 8 h.e 30 m. da manhã de 13, veio o almirante retribuir a visita acompanhado do seu chefe de estado maior e ajudantes, dispensando a salva. Visitámos o Arsenal em dois turnos, um de manhã, outro de tarde. Foram ali quasi todos os officiaes, todos os guardas marinhas e varios conductores de machinas. Desembarcámos ás 9 horas e fomos cumprimentar o contra-almirante director do Arsenal que muito amavelmente pôs á nossa disposição um constructor naval e varios officiaes.

No Arsenal trabalham actualmente 25:000 operarios por tres differentes systemas: por empreitada, a premio e a jornal. Algumas officinas trabalham de noite e de dia, sem parar, por darem assim maior rendimento. No Arsenal produz-se tudo quanto é necessario para um moderno navio de combate: couraça, artilheria, projecteis, caldeiras, machinas, torpedos, etc. Está dividido em cinco secções: 1.^a — trabalho do aço, 2.^a — Artilheria, 3.^a — torpedos e electricidade, 4.^a — machinas, 5.^a — construcção naval. Como não podia deixar de ser, vista a escassez de tempo, a nossa visita foi muito rapida.

Começámos por vêr na primeira secção as chapas de couraça para o novo couraçado de 20:800 toneladas, *Settsu*, ali em construcção e as casamatas para o *Aki*, de 20:118 toneladas, em acabamento. Na officina está montada uma machina, da força de 400 cavallos, para cortar chapa de couraça — *high speed cutting machine* — cuja faca ou roda cortante dá 1:300 rotações por minuto. E' a alta temperatura desenvolvida pela fricção da roda contra a chapa que a funde e corta. Vimos montadas as torres electricas para as peças de 25.⁴ do *Aki* e as hydraulicas para as peças de 30.⁵. Passámos por uma forte prensa hydraulica de 800 toneladas e vimos tirar do forno e laminar uma grande chapa de couraça que ali havia estado dez horas. Entrámos depois n'um pavilhão onde vimos a funcionar uma grande bateria de fornos Siemens-Martin. Nas officinas de artilheria, onde existem muitos tornos movidos por duas machinas de 200 cavallos cada uma,

estão em acabamento varias peças de 30 e 45 calibres, de arame de aço. Na culatra d'estas peças está adaptado um aparelho para varrer a culatra depois do tiro por meio do ar comprimido — *air brush* — de invenção japoneza. Nas officinas de projecteis estavam em fabrico projecteis para furar couraça e para carregar com o celebre explosivo japonês «chitose». Atravessámos pelas officinas de cartuchame, torpedos Whitehead, de caldeiras japonezas de tubos, Myabora, etc. Na officina de machinas está se construindo um annexo para o fabrico de turbinas Curtis, ás quaes os japonezes parecem dar frequencia na marinha de guerra. Estão-se montando grandes tornos horizontaes e uma ponte rolante de 200 toneladas. Já começou a construcção das turbinas para o *Settsu*. Passámos em seguida, n'um vapor, para o lado opposto do Arsenal onde existem as officinas de construcção naval, carpinteiros, pintura, etc. Entrámos no grande couraçado *Settsu*, em construcção, o qual deverá ficar concluido em menos de dois annos. Por uma ponte fluctuante seguimos para bordo do *Aki*, em acabamento, a bordo do qual estavam trabalhando uns 400 operarios que vimos sair. No Arsenal de Kure existem duas dokas seccas n'uma das quaes estavam cinco submarinos, e duas grandes dokas em construcção para as quaes já estão a fluctuar as portas bateis de aço. Tem o Arsenal dois poderosos guindastes, um de 100 e outro de 150 toneladas. Em Kure não ha um unico europeu. Durante a nossa permanencia foi posto ao meu serviço um dos ajudantes do commandante em chefe, tenente Takahashi, que convidei a almoçar. Na tarde do dia 13, um outro grupo de officiaes, guardas marinhas e conductores percorreu o Arsenal. A's 7 horas desembarcámos, fomos ao Club Naval que nos tinha oferecido as suas salas e em seguida, na residencia do commandante em chefe, foi-nos oferecido um jantar em que estavam vinte pessoas, entre as quaes os contra-almirantes M. Nawa, chefe de estado maior, e director do Arsenal, com os seus ajudantes. Em Kure troquei visitas com o contra-almirante Ishihyoye Mori, commandante da esquadra de reserva; capitães de mar e guerra M. Tanaka, commandante do *Asama*; N. Yamada, commandante do *Fuji*; Sunao Kasama, commandante do *Kasuga*; H. Tadokoro, commandante do *Itsukushima* e *Anegawa*; K. Yamagi, commandante do *Kasagi*; capitão de fragata Akira Kaneko, commandante do *Tatsuta* e tenente A. K. Yamagi, Nashizaki, do *Karasaki*.

De Kure a Etajima — Visita à Escola Naval

A's 7 horas da manhã do dia 14 largámos da boia em Kure e uma hora depois entravamos em Etajima onde está estabelecida a Escola Naval japoneza que tinhamos interesse em visitar. N'um porto perfectamente abrigado, rodeado de montanhas cobertas d'uma linda vegetação, com uma entrada de 370 metros de largo, na encosta d'um monte, e tendo uma planicie na frente, está situada a Escola Naval de Etajima. Compõe-se a escola de muitos edificios ou pavilhões onde se encontram os dormitórios, casas de banho, casa de jantar, salas de estudo, aulas theoricas e praticas, habitações de officiaes e professores, pessoal addido á escola, uns 150 homens entre estado menor e praças, hospital, club de officiaes, etc., etc. No campo ha espaço para exercicios de infantaria e artilheria de desembarque, tiro ao alvo com armas portateis e á flecha, jogos de *foot-ball*, *base ball*, *tennis*, jogos athleticos, *jiu tsu*, etc. Todos os professores da escola são japonezes, com excepção de tres inglezes que ensinam a sua lingua. No Japão estuda-se o inglez desde a instrucção primaria e nas mais pequenas povoações vi creanças com livros de inglez na mão, faz parte do concurso de admissão na Escola Naval, e n'esta mesma ha como digo tres professores d'este idioma. Acho o inglez effectivamente indispensavel ao official de marinha e faz muita falta aos nossos officiaes o não terem um mais perfeito conhecimento d'esta lingua. Para mim o inglez é para os nossos officiaes de marinha mais util e necessario do que todas as materias que se ensinam na instrucção secundaria, exceptuada a mathematica.

A bordo do *S. Gabriel* funcionam actualmente dois cursos de inglez regidos pelo guarda-marinha Owen Pinto, um para sargentos outro para praças.

Na Escola Naval de Etajima existem actualmente 450 alumnos divididos pelos tres annos do curso. A entrada faz-se entre os 16 e 20 annos geralmente aos 18. Os candidatos entram por meio d'um concurso que tem logar todos os annos nas treze principaes cidades do Japão. No

anno passado para 150 vagas houve 3:000 con-correntes. Uma coisa que sobrecarrega muito os preparatorios no Japão é o facto de se estudar a escripta durante onze annos afim de adquirir o conhecimento dos dois mil caracteres chinas indispensaveis ás pessoas illustradas para escrever correctamente. É verdade que nós, para compensar, temos o latim que é completamente inutil.

Fundeámos em Etajima ás 8 h. e 20 m. da manhã, e pouco depois veiu cumprimentarme um official da parte do Presidente da Escola, vice-almirante M. Yoshimatsu, com quem combinei visitarmos a Escola das 9,30 ás 11,30. Fui cumprimentar o Presidente da Escola, que é o titulo que ali tem o director, o qual encarregou o segundo commandante, capitão de mar e guerra B. Yamagata, e dois outros officiaes de nos mostrar a Escola. A's 9,30, em companhia dos officiaes e guardas-marinhas do *S. Gabriel*, começámos a visita por vér os dormitórios, casas de banhos, refeitório, salas de estudo, e outras dependencias, que apenas se faziam notar pela sua simplicidade e pouco luxo se as compararmos ás escolas europeas. Estava funcionando a aula de navegação regida por um official de marinha, e uma aula de machinas por um machinista capitão de fragata. N'uma dependencia d'esta aula estava funcionando uma machina de vapor movendo dynamos, sendo o vapor fornecido por uma caldeira Myabara a cargo de estudantes. N'uma aula de meteorologia maritima vimos um grande mappa em relevo, tendo agua na parte correspondente ao mar a qual, por meio d'um folle especial, era soprada para mostrar o effeito dos ventos sobre as correntes. N'uma vasta galeria que serve para a instrucção pratica de artilheria, vimos varios modelos de peças até 20 centímetros. Officiaes inferiores, sob a direcção d'um official instructor, explicavam um telemetro. Instructor e alumnos todos estavam sentados no chão á Japoneza. Passámos pela sala d'armas e pela sala destinada ao ensino da lucta japoneza *jiu tsu*, sala que tinha o chão coberto d'uma especie de colchões. Quando percorremos as aulas de physica e chimica, notámos que na pedra estavam escriptas em inglez umas phrases que nos fizeram supôr se tinham estado ali a ensinar usos da meza europeia. Por exemplo — Vermouth antes de jantar Xerez antes ou durante o jantar, tal comida com faca pequena, etc., etc. Depois de visitar as varias dependencias da escola onde onde se encontram varios tropheus de guerra, taes como minas submarinas, escaleres e vedetas, amolgados, fragmentos de torpedos, etc., fomos ao Club dos officiaes onde nos foi oferecido chá, bolos, charutos, etc. A's 11,30 regressamos a bordo.

No fim de cada anno lectivo, nas ferias, os alumnos fazem pequenas viagens de instrucção no Mar Interior, em navios annexos á escola, e os que terminam o curso, sendo promovidos a guardas-marinhas, seguem em dois cruzadores, este anno no *Asama* e *Kasagi*, para fazer uma viagem de oito mezes que é alternadamente á Australia e Costas occidentaes das duas Americas, durante a qual continuam estudando theorica e praticamente. Finja esta viagem de instrucção, passam aos navios da esquadra activa, onde no fim de um anno podem ser promovidos a tenentes. A instrucção superior tem depois logar na Academia de Marinha de Tokio. Por concurso são admittidos annualmente 10 por cento dos officiaes promovidos. Na Academia ha tres cursos. O principal, que é de Estado Maior, dura dois annos, e prepara os alumnos para os postos mais elevados. O segundo curso dura um anno e ensina as especialidades de Artilheria, torpedos, e navegação. O terceiro curso é destinado aos capitães-tenentes e habilita em tactica e estrategia.

A promoção na marinha japoneza é *unicamente* por merito. As propostas para a promoção dos officiaes são feitas por uma commissão especial do Almirantado.

Estou certo que este facto da promoção na marinha japoneza ser feita unicamente por escolha, é achado extraordinario em Portugal. Eu devo dizer que acho uma disposição acertadissima, ao mesmo tempo que chego a achar immoral a nossa promoção unicamente por antiguidade. Será por ventura justo, como muitas vezes acontece, que um individuo que senta praça na Escola Naval por não querer ou não ser capaz de estudar um curso mais difficil, e sem disposição alguma para a vida do mar, individuo que, concluido o curso, nunca mais se dedica ao estudo da sua profssão e trata, sempre que pôde, de arranjar collocação em terra, seja promovido como os outros que estão sempre embarcados e

dedicando-se á vida que escolheram? E' por acaso possivel entregar o commando d'um navio ou d'uma esquadra a todos os individuos que se lembraram de sentar praça em marinha? Não ha administração alguma industrial ou commercial que promova os seus engenheiros ou empregados por antiguidade a não ser quando essa antiguidade representa experiencia e saber. E' grande o espanto dos officiaes inglezes, allemães, japonezes, etc., quando lhes digo que a nossa promoção se faz unicamente por antiguidade. O ajudante do almirante Kato, quando lhe contei como eram as promoções entre nós, disse-me — «Then you can go to sleep every day and wait for the promotion to come». E' a melhor critica que se pôde fazer a tal systema. Estando como estou no fim da minha carreira, V. Ex.^a calculará bem que n'esta minha opinião não me move qualquer interesse pessoal mas sim o desejo de que um dia a nossa marinha se possa comparar á japoneza, onde os officiaes são todos activos, trabalhadores, com um extraordinario desejo de adquirir conhecimentos, e novos como se pôde verficar pelo seguinte quadro:

Puestos	Limite de idade	Edade media em cada posto	Complições de promoção
Almirante	68	38 1/2	Serviços extraordinarios
Vice almirante	63	52 3/4	3 annos como contralmirante
Contraalmirante	58	47 1/2	2 annos como capitão de mar e guerra
Capitão de mar e guerra	53	43 3/4	2 annos como capitão de fragata
Capitão de fragata	48	40	2 annos como capitão de corveta
Capitão de corveta	45	35 1/2	2 annos como capitão tenente
Capitão tenente	43	30 1/2	2 annos como primeiro tenente
Primeiro tenente	38	25	1 anno como tenente

Os officiaes que attingem o limite de idade, conservam-se um ou dois annos no quadro auxiliar onde recebem 80 por cento do soldo, depois são reformados com 60 por cento. 86 na marinha ingleza se encontram officiaes tão novos como na marinha japoneza.

Os machinistas entram tambem por meio de um concurso, feito em varias cidades; no anno passado, para 60 vagas appareceram 715 con-correntes. Os alumnos machinistas teem um curso especial de tres annos e quatro mezes na escola de Yokosuka, curso pratico e theorico. Terminado o curso passam a guardas marinhas e servem quatro mezes n'um navio escola, e outros quatro n'um navio da esquadra activa, d'onde saem machinistas. Na Academia de Marinha de Tokio creou-se um quarto curso para os machinistas melhor classificados.

Com respeito ao pessoal inferior, adoptou o Japão o systema do serviço obrigatorio allemão. O tempo de serviço activo são 4 annos, reserva 3 e segunda reserva 5.

Os contingentes podem ser chamados até aos 40 annos de idade. O recrutamento é feito entre a população maritima, com excepção da população da ilha de Tsushinia, que faz parte d'uma força local especial.

Na pratica, só um quinto do pessoal é proveniente do recrutamento por haver muitos voluntarios que servem 8 annos. O estado dá uma pequena compensação á familia dos voluntarios, retendo assim, com pouca despeza, um valioso pessoal. O sentamento de praça faz-se entre os 17 e 21 annos, a não ser para os artifices que podem entrar até aos 26, tendo já um anno de pratica. Nos depositos de marinha, ensina-se aos

As Festas de Setubal



A PRAÇA DE BOCAGE COM O MONUMENTO DO POETA, NAS FESTAS DA CIDADE DE SETUBAL



CASA ONDE NASCEU BOCAGE,
NA CIDADE DE SETUBAL

recrutadas arte de marinheiro e instrução militar durante seis mezes, embarcando em seguida um anno. O pessoal torpedeiro tem uma instrução especial antes de embarcar. Existem além d'isto cursos especiaes para o pessoal de artilheria, torpedos, telegraphia sem fios e mechanica. Estes ultimos teem um anno de pratica nas officinas e aulas de leitura, escripta europea e desenho. Signaleiros

instrucção especial nos depositos de marinha. Os artilheiros tem um curso pratico de quatro mezes na bahia de Naga Ura, parte no Arsenal de Yokosuka e dividem-se em quatro classes.

(Continúa.)

A. PINTO BASTO.
Capitão de fragata



Concurso na Academia das Belas-Artes de Lisboa

Realisou-se ha pouco, na Academia de Belas-Artes de Lisboa, o concurso entre alumnos do curso de pintura, para um pensionista do Estado ir ao estrangeiro comple-

tar os estudos da pintura de paisagem em Paris.

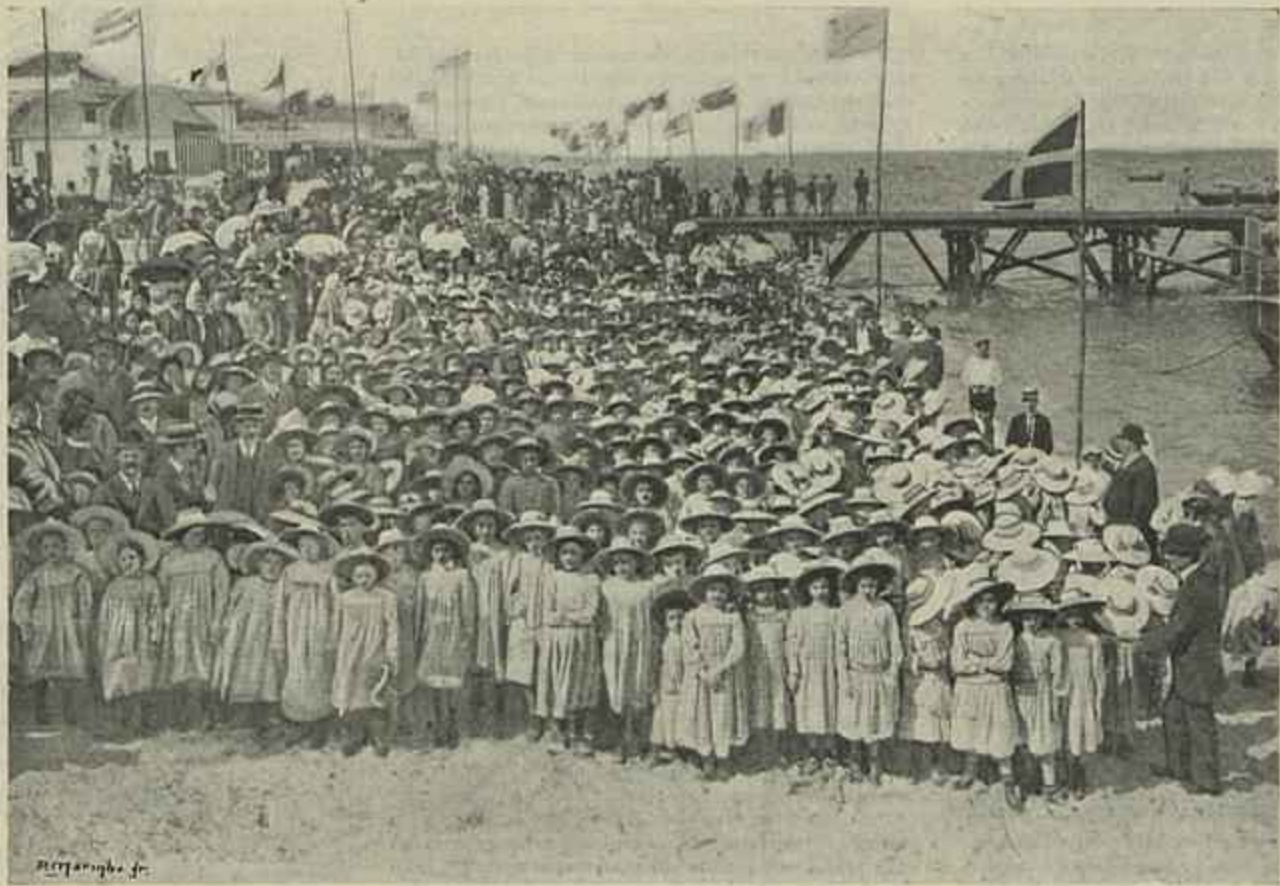
Dos concorrentes foi o primeiro classificado o sr. Frederico Ayres, cujos quadros já tem figurado com distincção nas exposições da Sociedade «Silva Porto».

Em geral os estudantes das nossas escolas de Belas-Artes, tem sempre feito boa figura nas escolas francesas, dando bons artistas á patria, como Silva Porto, de saudosa memoria, Condeixa, e outros, que não nos occorrem de momento.

E' de esperar que o sr. Frederico Ayres, com os bons principios que leva, volte um artista consumado que venha honrar a arte portugüesa.



QUADRO DO SR. FREDERICO AYRES QUE ORTEVE O 1.º PREMIO NO CONCURSO DE PINTURA DE PENSIONISTAS NO ESTRANGEIRO



AS CRIANÇAS SUBSIDIADAS PELAS JUNTAS DE PAROQUIA DE LISBOA, PARA TOMAREM BANHOS NA TRAFARIA



O EDIFÍCIO DA IMPRENSA NACIONAL DO RIO DE JANEIRO, QUE FOI DESTRUÍDO POR INCENDIO, EM 16 DO CORRENTE

As Festas de Setubal

Escolheu a formosa cidade de Setubal o dia 15 de setembro para a sua festa annual, data do nascimento, que nella teve lugar, do maior poeta português do século xviii, Manuel Maria Barbosa du Bocage, tão infeliz na vida como quasi todos os grandes poetas, o que fez exclamar ao vate sadino:

Camões, grande Camões, quam semelhante
Acho teu fado ao meu, quando os cotejo!
Igual causa nos fez perdendo o Tejo
Arrostar c'o sacrilego gigante:

Como tu, junto aos Ganges susurrante
Da penúria cruel no horror me vejo;
Como tu, gostos vãos, que em vão desejo,
Tambem carpindo estou, saudoso amante:

Ludibrio, como tu, da sorte dura
Meu fim demando ao céu, pela certeza!
De que só terei paz na sepultura:

Modelo meu tu és... Mas oh tristeza!...
Se te imito nos trances da ventura,
Não te imito nos dons da natureza.

De facto, para em tudo se assimilar ao imortal cantor dos *Lusíadas*, só como este, depois da morte, seu nome foi glorificado e as gerações lhe fizeram inteira justiça.

O poeta tão pobre, tão infeliz, assim mesmo despertou a inveja dos seus contemporaneos, porque seu talento era superior, elevava-se acima do nível social do seu tempo, lutando pela liberdade do pensamento, numa côrte beata e fanática como a de D. Maria I, ao finalizar o século xviii.

Mas a hora da justiça chegou, tarde é certo, mas nem por isso menos gloriosa.

A sua glorificação iniciou-a José Feliciano de Castilho, no Rio de Janeiro quando, no Club Fluminense se celebrou o primeiro centenario do nascimento de Bocage. Castilho abriu ali uma subscrição para se levantar um monumento ao poeta, mas a fatalidade, que sempre acompanhara o pobre *Elmano*, mais uma vez se afirmou. O dinheiro da subscrição foi depositado em uma casa comercial, e aconteceu esta casa falir e só se poder haver uma pequena parte. José Feliciano de Castilho, apesar do contratempo, não desistiu do seu proposito e, voltando a Portugal, conseguiu levar-o a efeito.

A 22 de novembro de 1871 a camara municipal de Setubal lançava a primeira pedra do monumento a Bocage, na praça do mesmo nome, e um anno depois, a 21 de dezembro, era este solennemente inaugurado.

Pagava-se assim uma divida á memoria do grande poeta.

A rainha do Sado vestiu-se de suas melhores galas durante tres dias, 15, 16 e 17. A praça de Bocage, onde se ergue o monumento, apresentou-se toda decorada em festa assim como as principaes ruas, incluindo aquella onde está a casa em que nasceu o poeta. Houve um grande cortejo civico com carros alegoricos e uma serenata no rio, promovida pelo grupo Pro-Patria, com barcos lindamente iluminados, havendo dois alegoricos, um com uma estatua de Bocage e outro representando um automovel. A estes barcos foram conferidos premios.

A Comissão Administrativa do Municipio realisou uma sessão solemne, em que tomaram parte varios oradores, presidida pelo governador civil do districto sr. dr. Euzébio Leão. Discursaram os srs. Feio Terenas, Jorge Nunes e Joaquim Brandão, deputados pelo circulo, e os srs. Agostinho Fortes, tenente Fogaça e dr. Bernardino Machado, etc. Nesta sessão foram distribuidos premios pecuniarios, diplomas, livros, etc., aos estudantes de Setubal que mais se distinguiram nos exames deste anno.

Foi esta uma excelente ideia, pois, por todos os modos, convem incitar o desenvolvimento da instrução publica.

Quando as festas de Setubal não tivessem outro proposito, aquelle bastaria para as justificar, honrando deste modo a memoria de Bocage e o povo sadino, que assiu mostrou uma justa comprehensão dos tempos e do que mais pôde concorrer para levantar a Patria Portuguesa.

O edificio da Imprensa Nacional do Rio de Janeiro destruido por um incendio

Por noticia telegrafica recebida do Rio de Janeiro, soube-se que, no dia 16 do corrente, foi completamente destruido por um incendio o grande edificio da Imprensa Nacional naquella cidade, o que representa o valor de 600:000 libras perdidas, ou uns dois mil e setecentos contos fortes, o que não é exagero atendendo á grandiosidade do edificio, ao material tipografico, tanto em maquinas como em tipos, do melhor e mais moderno, o que atesta as obras sahidas daquelle estabelecimento, além das ricas coleções bibliograficas que nelle se arquivavam, e que nos ultimos tempos muito tinham aumentado.

A historia da Imprensa Nacional do Rio de Janeiro interessa o nosso país por varios motivos.

Ainda que, segundo parece, já em meado do século xviii existira uma tipografia no Rio de Janeiro, devida ao impulso que dera ás letras o conde de Bobadella, Gomes Freire de Andrade, é fóra de duvida que a primeira Imprensa Nacional que ali se fundou, o foi por Antonio de Araujo e Azevedo, primeiro conde da Barca, que tão importante papel teve na politica de Portugal nos fins do século xviii e primeiro quartel do século xix.

Quando D. João VI, em precipitada fuga fugiu de Lisboa para o Rio de Janeiro, com a côrte e muitos dos homens politicos do seu tempo, acompanhou o, entre outros, Antonio de Araujo e Azevedo, o qual tendo mandado vir de Londres o material para uma tipografia, a bordo da celebre nau *Meduza*, fez transportar esse material para o Rio de Janeiro e com elle fundou ali a primeira Imprensa Nacional, que inaugurou os seus trabalhos no dia do anniversario de D. João VI, publicando um folheto com os despachos das secretarias dos estrangeiros e da guerra, folheto que é hoje uma raridade bibliografica. Era então ministro dos estrangeiros junto de el rei, o dito Antonio de Araujo Azevedo.

Essa Imprensa passou por varias reformas estando a cargo de D. Rodrigo de Sousa Coutinho, depois conde de Linhares. Teve ainda por administradores homens importantes nas letras como Silvestre Pinheiro Ferreira e outros.

Assim funcionou aquella Imprensa por muitos annos até que, sob o governo do visconde do Rio Branco, este estadista deu ordem a fazer-se um edificio expressamente destinado á Imprensa Nacional do Rio de Janeiro, com toda a vastidão e grandezza necessarias, o qual se edificou na rua da Guarda Velha para onde tinha a fachada.

Dispenderam-se nas obras, que foram inauguradas em 26 de agosto de 1874, cerca de mil contos e outros mil em material tipografico, moeda fraca.

Por este simples enunciado e pela gravura que acompanha estas linhas, se pôde fazer boa ideia da grandezza e do alto valor do edificio, que ficou destruido pelo incendio.

Mas ainda ha a considerar pelo que este edificio interessa a Portugal.

Em 1879, estando o edificio ainda por ocupar, o governo brasileiro ofereceu muito bizarramente as suas grandes salas ou officinas, á *Companhia Fomentadora*, para nellas realisar a primeira exposição de agricultura e industria portuguezas que se realisou no Rio de Janeiro.

Esta exposição fez-se sem auxilio do governo portuguez e antes com um bom subsidio do governo brasileiro, como foi seguramente a cedença do edificio em que esta se realisou.

A PESTE

(Concluido do numero 1177)

Os medicos só de longe viam os doentes armados de lancetas de 0^m,65 de comprimento para abrir de longe os bubões e ainda assim cobriam-se com tunicas de marroquim do Levante, que por causa do cheiro e do pello se dizia capaz de resistir á peçonha pestilencial; a cabeça era envolvida completamente n'um capuz do mesmo marroquim, que se adornava com olhos de vidro e um longo appendice nasal cheio de perfumes e materias balsamicas.

Os regulamentos sanitarios eram severos, principalmente em Italia. Lyão, pela ameaça de uma epidemia, foi rodeado de tropa prompta a atirar sobre qualquer que pretendesse entrar; medidas



Habit des Medecins, et autres personnes qui visitent les Pestiferes. Il est de marroquim de leuant, le masque a les yeux de cristal, et un long nez rempli de parfums

TRAJE COM QUE OS MEDICOS SE APROXIMAVAM DOS DOENTES PESTIFEROS

Fac-simile de uma gravura antiga

(infantis é certo) de desinfecção eram prescriptas para as cousas que entravam na cidade; aquelle que transgredisse os mandados das authorities municipaes era punido com a morte. Por aqui se pôde julgar o terror que a peste infundia nos lyoneses.

Citaremos rapidamente uma tentativa verdadeiramente scientifica. Guiado pelo exemplo da variolacção, um medico Samoilowitz propoz, em 1781, inocular em individuos saos pus de bubão para desenvolver uma peste leve e assim vaccinar; mas o mais interessante é que se servia de puz de bubão muito adeantado; sabe-se hoje que este puz contem poucos bacillos pestosos; era a melhor forma de ter uma peste benigna. Em 1812 um medico inglez, Withe, lançou mão do mesmo methodo e morreu. Não teve imitadores.

Tratemos dos meios modernos.

Eis os principaes, muito resumidos:

1.^o *Destruição dos ratos*. — Impõe-se, mas não é facil. Deve ser feita sempre e não só durante as epidemias. Quando estas apparecem é muito tarde. Em todos os casos pôde-se impôr a desratificação dos navios. Os aparelhos d'acido sulfuroso de Clayton de Marot, etc., tornam esta operação, se não facil, pelo menos possivel. A desinfecção por estes processos deve ser feita antes do navio descarregar, sempre que venha de uma região suspeita.

2.^o *Prophylaxia internacional*. — Antigamente, antes da descoberta do papel dos ratos na propagação da peste, punha-se em pratica as quarantenas, quasi sempre inuteis para o homem e permittia-se, enquanto os passageiros estavam no lazareto, que desembarcassem livremente as mercadorias e os ratos que n'ellas se continham. Era um contrasenso. Depois da conferencia internacional de Veneza (1897) as leis (1900) modificaram profundamente as bases da prophylaxia internacional.

Os doentes são isolados, os objectos e mercadorias que proveem de paizes ou de navios suspeitos são desinfectadas, os navios desratificados. Quanto ás pessoas saas, não fazem, propriamente fallando, quarantena, mas são vigiadas onde desembarcam, durante alguns dias, pelas authorities locais avisadas da sua chegada.

Em summa, a preservação da peste é relativamente facil nos portos graças principalmente, a desratificação dos navios. A via terrestre é mais difficil de vigiar, tambem é menos para temer. Assim, ultimamente a peste da Mandchuria não foi muito perigosa para a Europa. E' uma peste de contagio inter humano e de inoculação muito pequena. O viajante que chega com saude á fronteira europea é quasi certo indemne, visto o longo tracto que tem de percorrer desde Kharbine. E' preciso somente desinfectar os objectos, as mercadorias que vem dos paizes contaminados.

Quantos sacrificam a honra, coisa de primeira necessidade, á gloria, coisa apenas de luxo.

3.º *Precauções individuais.* — Um caso de peste, determina as precauções ordinarias: deslocação, isolamento do doente, desinfecção durante a doença. Na peste pneumónica, o isolamento deve ser mais rigoroso e a desinfecção muito severa; queima-se tudo que é susceptível de ser queimado.

4.º *Soro antipestoso. Vacinação.* — Já fallámos do soro, é preventivo. Emprega-se correntemente nos lazaretos, nos navios infectados, etc. Uma injeção de 5 a 10 centímetros cubicos confere immunidadade de 15 dias. E' necessario tornar a injectar o pessoal que lida com os doentes, de dez em dez dias pouco mais ou menos. Praticamente não é commodo.

Muito se tem estudado para se chegar a uma *vaccinação activa*. Haffkine em 1897 injectou hypodermicamente no homem, dous a tres e meio centímetros cubicos d'uma cultura em caldo, aquecido durante uma hora, em tubos fechados a 70º.

Alguma febre, pouca, e lymphagite, são o resultado. No fim de oito a dez dias o homem está vaccinado, mas não por muito tempo (alguns dias para uns, alguns mezes para outros.) Os resultados parece terem sido satisfatorios na India (Leumam, Simond).

Misturando a vaccina com algum soro a inoculação é menos dolorosa. Calmette e Sabiñbeni propõem injectar primeiro 5 centímetros cubicos de soro e dois dias depois 2 centímetros cubicos de cultura de Haffkine.

Benedka, do instituto Pasteur de Paris, modificou o methodo, obtendo vaccina que não é toxica e immunisa por muito mais tempo.

VII — Conclusões

A peste é hoje muito bem conhecida, póde, pois, ser racionalmente combatida. A prophylaxia d'uma doença infecciosa é relativamente facil quando a sua etiologia é conhecida.

As grandes regras da hygiene geral: o acao, a destruição dos animaes nocivos (ratos, insectos) são a base da preservação.

Esperemos que os methodos scientificos de vaccinação se aperfeçoem para auxiliar os hygienistas na luta contra os ataques offensivos do flagello.

S. A.

«Fisiologia do Bello», «O Seculo Nervotico» e «O Seculo Tartufo»

PAU
Paulo Mantegazza

Os srs. Santos & Vieira — mui dignos proprietarios da Empresa Litteraria Fluminense — como possuidores da auctorisação do fallecido e notavel psychologo italiano Paulo Mantegazza, para ser traduzida a sua vasta e curiosa obra — vão dando a lume em bonitas e economicas edições, n'um portuguez muito correcto, os livros que melhor agrado têm e que um certo publico lê.

A confirmar esta nossa asserção, aqui temos sobre a nossa banca de trabalho mais tres livros de Paulo Mantegazza, qual d'elles o mais interessante e de que — dispondo de pouco espaço — vamos dar uma succinta noticia, sem vislumbre de critica, mas como expressão do nosso parecer ácerca de taes livros.

Fisiologia do Bello — que Arlindo Varela — professor distincto e que tem um grande culto pelas obras do famoso escriptor italiano — traduziu com vernaculidade e amor — é um trabalho primoroso em que ha raptos de genio e que será sempre apreciado pelo encanto da fórma e pelo magnifico ensinamento, visto como se expende allí um thema dos mais attrahentes e suggestivos que tanto interessa o artista, o poeta ou o critico como ainda os que — não tendo grandes conhecimentos — buscam na leitura agradaveis momentos de refrigerio e que n'este livro sentirão as emoções que Mantegazza faz vibrar no espirito dos leitores, seja qual fór a sua condição ou cultivo.

O Seculo Nervotico, são aspectos phisicos do seculo xix, que o sr. Henrique Braga — a quem ainda ha pouco — e neste mesmo logar — nos referimos, com palavras de justo louvor, a quando da sua traducção e notas ácerca de *Uma pagina de amor (Um dia na Madeira)* — traduziu acuradamente. Mantegazza — n'este seu trabalho — sustenta com boa argumentação que o caracteristico phisico do seculo transacto é essencialmente ne-

vrotico. E' um excellento quadro de boa coloração, em que Paulo Mantegazza pinta com mão de mestre os aspectos phisicos da humanidade. Deveras curioso este livro, cuja leitura aconsellhamos.

O Seculo Tartufo — o terceiro livro de que nos resta falar — é um exame critico-psychologico das hypocrisias sociaes da nossa epocha e que — consoante o proprio Mantegazza confessa — escripto com tinta, lagrimas e fel constitue uma autopsia a todos os embustes, mentiras e falsidades de que a actual sociedade está eivada. Principiando pela hypocrisia innata no primeiro homem, vae desenvolvendo evolutivamente a sua acção, pondo a descoberto as hypocrisias do coração, do pensamento, da sciencia, da sociedade, da politica, da religião e até a dos proprios animaes, como — a exemplo — a da *borboleta-folha*, que — por curiosa — cedemos á tentação de adeante a transcrevermos.

Como melhor recommendação d'este livro, temos a accrescentar elle é o estudo d'um optimista que amava o bem e a moral e nunca acreditou na felicidade, conforme o disse o seu biographo Luciano Zúccoli, n'um artigo publicado na *Gazeta de Veneza*, após a morte do venerando psychologo.

Damos por finda a nossa missão, agradecendo a Santos & Vieira a dupla offerta dos tres livros mencionados para o director d'esta revista — o nosso bom amigo Caetano Alberto — e para quem subscreve estas linhas.

XVII — VII — CMXL.

HENRIQUE MARQUES JUNIOR.

O Seculo Tartufo

Descobri outro Tartufo do mundo animal n'outro jardim, um pouco maior que o meu, e que pela exuberancia da vida que n'elle havia, se poderia collocar no polo opposto.

N'um dia de primavera tinha eu descido de Darjeeling, n'um robusto e veloz cavallinho tibetano, até ao fundo do valle em que uma limpissima corrente separa o Sikkim inglez do Sikkim independente. Com um pouco de boa vontade eu podia acreditar que estava na China, e na China estava eu realmente, pois que o Sikkim está sob o alto e indirecto protectorado do Celeste Imperio; na China estava eu certamente, pois que os creados que me serviam de escolta usavam rabiço, tinham os olhos obliquos e a pelle da cõr das favas maduras.

Apeado do meu modesto corcel, para estender as pernas e tomar collação, metti-me por aquelles bosques e por aquelles campos cheios de vida, divagando por elles qual potro, que, livre da longa prisão da cavallariça, se lança pelos prados, saudando a mãe Natureza com prolongados e ardentes nitridos.

Quantos perfumes me subiam ao olfato e me enchiam o peito, que se abria para fazê-los seus! Perfume da terra fecunda, regada por chuva recente; perfume das folhas, das flores, dos fructos; perfumes tépidos, e quasi diria avelludados, que sahiam de todas as céspedes, de todas as corollas de orchidea, de todos os refugios de insectos bulliciosos, que desciam das arvores gigantescas ao longo das cordas das lianas pendentes; perfume d'uma vida calma e nova, que dava a cada creatura um beijo de amor, dizendo-lhe *vive e ama!*

Entre a solta ramaria, entre os densos canna-vias, entre as frondes d'um verde vivissimo dos fetos arboreos, cantavam papagaios, guinchavam macacos, assoviavam e zuniam insectos, todos felizes de viver, todos impacientes por dar a creaturas ainda não nascidas a plenitude da vida que os inundava. N'aquelle paraiso, nem um doente sequer: plantas, animaes, homens, todos são e robustos.

E allí, onde não se falava nenhuma lingua humana, eu acabei por identificar-me com toda aquella natureza ébria de vida. Na grande familia dos vivos todos somos mais irmãos do que parece, mais ainda do que na pequena familia dos bipedes implumes. Eu, pelo menos, em certos dias raros, nos quaes perco toda a estima que tenho pelos homens, fico satisfeito, sentindo-me irmão da flor que exhala fragancias deliciosas, do rouxinol que canta, do cavallo que nitre, da andorinha que võa.

N'aquelle dia, n'aquelle hora, n'aquellas selvas virgens do Sikkim, desejaría ter os braços de Deus, para estreitar de encontro ao peito todas aquellas creaturas verdes e multicõres, frementes e anhelantes, porque em cada uma d'ellas sentia uma parte de mim mesmo.

E se eu não falava, nem sequer usava colher uma flor nem um ramo de feto. Quem se lem-

braria metter na algibeira uma moeda de cobre se se visse de repente diante de todos os milhares de milhões que estão guardados nos subterraneos do Banco de Inglaterra? Assim pensava eu; porque colher uma flor ou um ramo allí, onde eu nadava, brincava e me perdia entre as ondas de verdura illuminado pelo azul de ouro do ceu?

Sentára-me na margem da torrente, que, limpida como crystal de rocha, me permittia ver-lhe no fundo brilhante as ligeiras trutas que se divertiam a vencer a corrente com as suas barbatanas azuladas. De quando em quando fechava os olhos como para repousá-los de tanta luxuria: as janellas da alma tambem devem fechar-se quando a nossa pobre pupilla não resiste á luz soberba do sol, ou quando o nosso diminuto coração não póde aspirar d'um sorvo a embriaguez da Natureza.

Quando d'uma vez reabri os olhos, vi á minha direita uma pequena arvore sem physionomia particular. Pertencia certamente ao vulgo do mundo vegetal; entre tanta pompa de orchideas aladas, de fetos sagittados, ou de arvores gigantes, ninguém, por certo, teria notado aquella planta plebeia.

N'um ramo, porém, d'essa planta havia uma folha engelhada, quasi esqueletica pela sua lenta decomposição; essa folha attrahiu-me o olhar. Como é que n'aquelle luxuriante emporio de verdura, como é que n'aquelle exuberancia de saude, podia uma folha adoecer e morrer no ramo, corroída por lenta tísica? Enterremos este morto, escondámo-lo, ao menos, da vista dos que gozam!

Approximei a mão d'aquelle folha. — Sim, está morta; como porém é bella na sua morte! Tem o parenchyma inteiramente destruido, e só lhe restam as veias e as fibras do tecido; aqui e allí salpicam na algumas manchas de ferrugem, que foi talvez o parasita que a matou.

Oh! esta folha é digna de ser apanhada e conservada para admiração dos meus amigos de Florença! Como é fino o reticulado do seu esqueleto, e com que elegancia se salientam as nervuras principaes de que sahem as veiasinhas e os minusculos fios capillares; como soube a lenta putrefacção conservar o artificio dos meandros, pelos quaes a vida circulava; e como são curiosas aquellas manchas de ferrugem que aqui e allí vão completando o seu minucioso trabalho anatomico!

Procurando o pedunculo, approximo o pellegar e o indice d'aquelle folha de que me quero apropriar; a folha, porém, desprende-se por si, e sae voando, deixando-me nos dedos um pósinho farinaceo. Aquella folha era uma borboleta, que enganava a quantos a quizessem apresar, aves ou homens.

Aquella borboleta era tambem um Tartufo, uma mestra em hypocrisia, como a lagarta da ameixoeira do meu jardimzito de Florença.

PAULO MANTEGAZZA.

Chuvas precoces

Já os nossos avós diziam *Primeiro de agosto primeiro de inverno*. — Este proverbio que a muitos parece menos exacto, tem, no entanto, sua justificação, por vezes, acertada. Em agosto, começa se a conhecer já tendencia para o inverno, pois o tempo que o sol se acha collocado acima do horizonte é sucessivamente menor, e o calor começa a diminuir de intensidade, embora levemente, a partir do dia 20, epocha em que terminam os caniculares. Em alguns annos, embora raras vezes succeda, chuvas copiosas se manifestam por essa epocha, denunciando a passagem do sol abaixo das constelações do Cão Menor e Cão Maior, o que originou o nome de periodo canicular ao periodo de maximo calor. A esse periodo de chuvas, guarda avançada do inverno, denominaremos *chuvas precoces*, a que ordinariamente se segue um periodo de secca, como adeante veremos.

Desde a fundação do nosso observatorio em Lisboa, em 1854, eis os annos em que tiveram logar as *chuvas precoces*:

1857 — Depressão barometrica sensivel de 20 a 24 de agosto, sendo a minima, em 23, de 751^{mm}.9. Foi registada chuva em 22, 23 (25^{mm}.9), 28 e 29. O total do mez foi de 33^{mm}.1. O mez de setembro, em geral, mais chuvoso, teve apenas 14^{mm}.3 de chuva.

1860 — Em 15 de agosto foram registados

10^{mm},1 de chuva. Setembro do mesmo anno, forneceu ao pluviometro 31^{mm},2 em 8 dias.

1863 — Depressão barometrica de 26 a 28, sendo a altura minima de 757 millimetros. Choveu de 25 a 27, sendo em 25 a chuva equivalente a 46^{mm},8. Total do mez 50 millimetros. No mez seguinte apenas se accusaram 21^{mm},9.

1864 — Depressão barometrica em 21, dando um unico dia de chuva que produziu 16^{mm},8. No mez seguinte foram registados 40^{mm},8 em 7 dias.

1868 — Depressão em 15 de agosto com chuva em 10, 12, 14, 15 e 18, em pequena quantidade cada dia. Total do mez 22^{mm},6. No mez seguinte, 123^{mm},4 em 15 dias.

1870 — Depressão barometrica de 17 a 20, com 5 dias de chuva que produziram 19 millimetros. No mez seguinte apenas se registou 17^{mm},8 em 5 dias.

1877 — Depressão de 12 a 14, que tiveram por resultado algumas chuvas. (Total 11^{mm},8 em 8 dias).

1878 — Depressão de 2 a 5, dando uma chuva total de 19^{mm},7 em 10 dias. Em setembro 31^{mm},5 em 5 dias.

1880 — Alguma chuva de 20 a 25 (10^{mm},4 em 5 dias). Chuva de setembro 6 millimetros em 4 dias.

1885 — Profunda depressão barometrica em 27. (Minima 751^{mm},6). A chuva n'esse dia foi de 28^{mm},8 e em todo o mez de 31^{mm},6 em 5 dias. No mez seguinte apenas 5^{mm},1 em 4 dias.

1888 — Depressão em 24. A chuva n'esse dia foi de 12^{mm},5. No mez seguinte choveu pouco (38^{mm},3 em 7 dias).

1896 — Um unico dia de chuva em 18 (11 millimetros). Em setembro apenas 2 millimetros.

1899 — Depressão de 10 a 14, que produziu no pluviometro 18^{mm},8 de chuva em 5 dias, sendo em 12, a altura de 14^{mm},6. No mez seguinte 3^{mm},4 em 2 dias.

1900 — Depressão barometrica de 25 a 27. (Minima 755^{mm},8). Chuva de 24 a 26. (Total 46^{mm},2 em 3 dias). Em 25, a altura registada foi de 39^{mm},6. No mez seguinte 11^{mm},4 em 5 dias.

1911 — Depressão em 20 e 21, sendo a chuva respectivamente de 7 millimetros e 40^{mm},9.

Conforme vemos, durante sessenta annos de observação, apenas foram 15 os annos em que as chuvas foram abundante em agosto. Se abstrairmos ainda, os annos em que n'esse mez as chuvas foram pouco violentas, e fizemos unicamente reparo d'aquelles em que foram accusados, pelo menos, 10 millimetros de chuva em 24 horas, fica o quadro reduzido aos annos e dias que se seguem:

1857 — 23 d'agosto	22,9 millimetros
1860 — 15	10,1
1863 — 25	46,8
1864 — 21	16,8
1885 — 27	28,8
1888 — 24	12,5
1896 — 18	11,0
1899 — 12	14,6
1900 — 25	39,6
1911 — 21	40,9



FREDERICO RESSANO GARCIA

Como se deprehende da leitura d'este quadro, a quantidade de chuva observada em 21 de agosto d'este anno, apenas foi uma vez excedida n'este mez, desde a fundação do observatorio, no dia 25 de agosto de 1863.

Vejamos agora, a chuva observada nos mezes de setembro d'estes ultimos annos citados, para os compararmos com o quadro antecedente:

1857 — Chuva total em todo o mez de setembro	14,3 millim.
1860 — " " " " " "	31,2
1863 — " " " " " "	21,9
1864 — " " " " " "	40,8
1885 — " " " " " "	5,1
1888 — " " " " " "	38,3
1896 — " " " " " "	2,0
1899 — " " " " " "	3,4
1900 — " " " " " "	11,4

Sabendo que a chuva média observada em setembro é de 37^{mm},7, dando-nos os annos de menos estiagem, por vezes, cerca de 100 millimetros, podemos concluir, como um facto quasi que positivo, que as chuvas em grande abundancia no mez de agosto, especialmente, em tal quantidade como a que se observou no presente anno, dá sempre logar a um mez de setembro muito secco. Veremos se o phenomeno mais uma vez se realisa, no corrente anno.

ANTONIO A. O. MACHADO.

NECROLOGIA

Frederico Ressano Garcia

Temos de registrar hoje nesta secção lutuosa um homem de alta envergadura intelectual como foi Frederico Ressano Garcia, cujo valor poude resistir a todas as accusações mais ou menos justas que lhe fizeram.

O seu grande talento chegou-lhe para tudo que intentou e por isso é extensa a lista dos cargos que lhe foram confiados, adquirindo os mais importantes por concursos, em que sempre venceu.

Ressano Garcia, tendo feito os seus primeiros estudos em Lisboa, foi completal-os em Paris, onde foi o primeiro classificado no anno em que concluiu o curso de engenheiro de minas. Foi isto por 1870, quando completava 23 annos de idade. Nesse anno empenhava-se a guerra franco-prusiana, em que a França soffria o revez de Sedan e com elle derrubava-se o imperio de Napoleão III, surgindo a Communa de Paris.

Ressano Garcia, na força da vida e do entusiasmo, alistou-se nas fileiras dos voluntarios e tomou parte nessa tremenda luta com as armas na mão.

Terminada a guerra veio Ressano Garcia para Lisboa e, entrando no concurso aberto pela Camara Municipal para o logar de engenheiro da Camara, alcançava aquelle logar em 1874.

Já então tinha alcançado, em 1871, por concurso, o logar de lente da 2.^a cadeira do Instituto Industrial e Commercial de Lisboa.

Em 1880 era provido, tambem por concurso, no logar de lente da Escola do Exercito, dos cursos auxiliares de maquinas.

A esse tempo já se havia filiado no partido progressista, sendo eleito, em 1879, deputado por Lisboa. Depois, em successivas legislaturas, foi deputado pelo Ultramar e novamente por Lisboa, até que passou a par do reino e por tempos foi secretario da camara alta.

Em 1889 entrou numa recomposição de ministerio com o ministro da marinha, e em 1897 formou parte do governo de Luciano de Castro, na pasta da fazenda.

O projeto do caminho de ferro de cintura de Lisboa, é de Ressano Garcia, cuja execução dirigiu assim como o do caminho de ferro de Cintra.

Muitas outras comissões de serviços publicos desempenhou mercê das suas raras aptidões, e ainda uma das mais importantes foi a de Comissario de Portugal na Exposição de Paris de 1900.

Por morte do dr. Carlos Zeferino Pinto Coelho, director da Companhia das Aguas de Lisboa, foi Ressano Garcia escolhido para aquelle cargo e, sob a sua gerencia se concluíram muitas das obras desta companhia, onde elle fez reformas importantes, mercendo-lhe esta empresa os seus melhores cuidados até á morte, que o prostrou em 26 do mez passado, depois de uma vida agitada e operosa.

CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

Kilo 1:500 réis

Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca

em todos os estabelecimentos



CHOCOLATE—CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis

Contos e Digressões POR CAETANO ALBERTO

Um elegante volume de 224 paginas, profusamente illustrado com desenhos de A. Ramalho e C. Alberto contendo:

O segredo de Clotilde — Na Montanha — Devorado pelas feras — Uma visita a Castello de Vide — Historia de umas calças — Uma festa agricola em Elvas

Cartonagem em relevo, ouro e cores, completa novidade, preço 500 réis

A' venda nas principaes livrarias e na EMPREZA DO OCCIDENTE

Poco Novo — LISBOA

Atelier Photo-Chimi-Graphico

F. MARINHO & C.^a

5, Calçada da Gloria, 5 — LISBOA

NUMERO TELEPHONICO, 1239

Trabalhos em todo o genero de gravura, autotypia, zincographia chromotypia, etc. Especialidade em photogravuras. — Os preços mais baratos do paiz, em todos os trabalhos. Execução perfeita.

CONTRA
A TOSSE

MARQUE PEITORAL
JAMES

Unico especifico contra tosses e bronchites legalmente auctorizado pelo Conselho de Saude Publica, ensaiado e approvado nos hospitaes. Premiado com Medilhas d'Ouro em todas as exposições a que tem concorrido. Cada frasco está acompanhado de um impresso com as observações dos principaes medicos de Lisboa, reconhecidas pelo consul do Brazil. A' venda nas pharmacias. Pedro Franco & C.^a, Lisboa

Farinha Peitoral Ferruginosa

de Pedro Augusto Franco

Produto alimenticio que se applica em caldos peitoraes, com feliz exito. E' de todos os preparados farinaceos o mais efficaz por conter substancias organicas e inorganicas que são de facil assimillação aos estomagos fracos e ainda os mais debéis. Pedidos á

Pharmacia Franco, Filhos

139, Belem, 149 — LISBOA

Cada pacote de 250 grammas. 200 réis

Cada lata " " " 240 " "

A' venda em todas as pharmacias

Capas especiaes para a encadernação d'O OCCIDENTE

Preço 800 réis

Capa e encadernação 1\$200 réis